



ESPECIALIZAÇÃO EM

EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

CELINA APARECIDA FRACASSO KANEDA

**MUSEU HISTÓRICO, ARTÍSTICO E FOLCLÓRICO JORNALISTA
RUY MENEZES**

BARRETOS - SP
2019

CELINA APARECIDA FRACASSO KANEDA

**MUSEU HISTÓRICO, ARTÍSTICO E FOLCLÓRICO JORNALISTA
RUY MENEZES**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, lato sensu – a distância, do Programa de Pós-graduação em Arte-PPG-Arte, Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a M.^a Cilene Rodrigues Carneiro Freitas

Barretos - SP
2019
Polo Barretos – SP

**MUSEU HISTÓRICO, ARTÍSTICO E FOLCLÓRICO JORNALISTA
RUY MENEZES**

Celina Aparecida Fracasso Kaneda

Trabalho de Conclusão de Curso submetido como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Arte da Universidade de Brasília, polo Barretos, apresentado e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

Prof.^a M.^a Cilene Rodrigues Carneiro Freitas

Orientadora

Prof.

Membro Convidado

Prof.

Membro Convidado

DEDICATÓRIA

A Deus por permitir esta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por amparar-me durante esta caminhada. Agradeço a minha família pela compreensão nos momentos de ausência. Aos meus professores Antônio da Costa por sua dedicação; Sandra Regina Santana Costa, por sua paciência e orientação e a tutora Cilene Carneiro por sua benevolência. Não posso deixar de agradecer a Maria de Lurdes Souza Fabro, por seus conselhos e a Sueli de Cássia Tosta Fernandes, por sua generosidade em partilhar experiências e materiais. Agradeço também a Elaine Ruas, por seu carinho e profissionalismo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Imagem do Paço Municipal sem as águias, 1919.....	26
Figura 2 Imagem do Prédio com as águias, 1940.....	27
Figura 3 Museu Municipal Jornalista Rui Menezes.....	27
Figura 4 Candeia.....	28
Figura 5 Primeiro Altar mor da Igreja do Rosário.....	29
Figura 6 Capacete alemão.....	29
Figura 7 Capacete americano.....	30
Figura 8 Marmitta do Bezerrinha.....	30
Figura 9 Símbolo da Força Expedicionária Brasileira (FEB).....	31
Figura 10 Irmãos Borges e Sueli Fernandes no dia da doação da vestimenta do Palhaço Pequirá.....	32
Figura 11 Irmãos Borges inserindo a vestimenta no espaço expositivo do museu.....	33
Figura 12 Vestimenta exposta no museu.....	33
Figura 13 Moedor de milho.....	34
Figura 14 Mala de comitiva.....	35
Figura 15 Visita de alunos da E.E. Alexandre de Ávila Borges, da cidade de Jaborandi, ao Museu.....	38
Figura 16 Visita de alunos da E.E. Alexandre de Ávila Borges, da cidade de Jaborandi, ao Museu.....	38
Figura 17 Monitora Karla Armani fazendo a mediação entre o discurso expositivo e os alunos.....	45

LISTA DE SIGLAS

CEM - Cadastro Estadual de Museus

CNM - Cadastro Nacional de Museus

FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação

IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus

ICOM - International Council of Museums

PNEM - Programa Nacional de Educação Museal

PNSM - Plano Nacional Setorial de Museus

REM - Redes de Educadores de Museus

SEESP - Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo

SIEC – Sistema Escola em Cena

SISEM SP - Sistema Estadual de Museus Paulista

SISVIC – Sistema Cultura é Currículo

RESUMO

O presente trabalho objetivou apresentar as políticas públicas que consolidaram a inclusão do Museu Histórico, Artístico e Folclórico Jornalista Ruy Menezes, patrimônio cultural da cidade de Barretos-SP, no programa Cultura é Currículo, idealizado pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo (SEESP), tendo como objetivos específicos conhecer os mecanismos que constituem uma política pública cultural, identificar como esta política tem impacto na vida dos indivíduos, na sua relação diária com o público e reconhecer o museu como espaço educativo. Para atingir os objetivos propostos, este estudo utilizou a pesquisa exploratória por meio da revisão bibliográfica e documental a partir de livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, dissertações, teses e documentos do museu e observação assistemática mediante realização de visitas ao museu. Concluiu-se, mediante o estudo realizado, que os museus firmam um excelente recurso educativo, com grande potencialidade no processo de treino e experiência. No momento em que bem trabalhado, ou seja, problematizado, de modo a levantar argumentos e questionamentos, no momento em que é ligado com a vida cotidiana do estudante, eleva em outro nível as visitas e de modo consequente os saberes que dali são retirados, promovendo consideração e inquietações. Dessa forma, analisá-lo como espaço em que podemos encontrar a memória de uma população, de um grupo comunitário, demanda um processo de pensamento, bem como e especialmente de um apelo político, em razão de é uma memória eleita entre tantas que este local está preservando.

Palavras-chave: museu, políticas públicas, patrimônio cultural

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. METODOLOGIA.....	12
2. REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 Breve histórico da criação do Programa Nacional de Museus.....	15
2.2 Criação do sistema Estadual de Museus do Estado de São Paulo e do Museu histórico, artístico e folclórico jornalista Ruy Menezes.....	22
3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: AÇÃO EDUCATIVA, MEDIAÇÃO E EXPERIÊNCIAS EM ESPAÇOS CULTURAIS.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS	51
ANEXO	55

INTRODUÇÃO

Um museu é, na definição do International Council of Museums "uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade". (ICOM, 2001 p. 01).

Um simples passeio ao museu pode ter múltiplas significações e leituras. A maneira como a mediação cultural dentro dessa instituição pode ajudar nestas leituras também torna-se um interessante objeto de estudo.

A criação do cadastro nacional de Museus em 2006, cuidado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM/MinC) reuniu profissionais específicos para cadastrar os museus do Brasil, e assim começou a ser delimitada uma política pública que desdobrou-se nos âmbitos estaduais e municipais.

De acordo com a Lei 11.904, de 14 de janeiro de 2009, que instituiu o Estatuto de Museus, "Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento" (PNM, 2010 p. 01).

Mais que casas de memória, museus são casas da vida de um país. Espaços que assumem cada vez mais sua função social junto à população, enquanto casas de conhecimento, vivência e transformação (IBDM, 2011).

Através deste programa o Museu Municipal Ruy Menezes, situado no município de Barretos-SP¹, foi incluído no Programa Cultura é Currículo. O referido museu é importantíssimo para a cultura Barretense, pois é o primeiro prédio tombado em Barretos de acordo com a LEI Municipal 2.240 de 10 de novembro de 1988. O patrono do museu foi uma importante personalidade da cultura barretense. Ruy Menezes (1910-1992) foi jornalista, escritor e político, tornou-se fundador da Academia Barretense de Cultura, Presidente do teatro Experimental de Barretos, Presidente da Fundação Educacional de Barretos entre outras atividades.

¹ Barretos se localiza ao norte do Estado de São Paulo, tendo como principal via de acesso a Rodovia Brigadeiro Faria Lima.

Meu contato com o Museu Ruy Menezes não é de hoje, remonta da época em que eu era adolescente, e sempre ia à biblioteca municipal, para fazer pesquisas escolares e empréstimos de livros. Acontece que saindo da biblioteca era inevitável não ver a porta de entrada do museu aberta, convidativa... Sempre senti um fascínio por aquele prédio com suas enormes janelas de madeira e um lindo piso de assoalho, sempre brilhando. Alguns objetos eu já havia visto em outros lugares, como os objetos usados em casas de fazenda, mas os telefones e os rádios eram “novidades”. Não lembro de ter na minha época de estudante a oportunidade de visitar um museu como uma atividade desenvolvida pela escola, hoje vejo a necessidade de políticas públicas que estimulem o contato de alunos com instituições culturais. A minha memória afetiva foi decisiva na escolha de um patrimônio cultural de Barretos.

A Lei de Diretrizes e Bases, a LDB 9.394/96 estipula em seu artigo 1º que “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (Brasil, 1996).

Vale ressaltar que concluí meu ensino médio antes da promulgação desta lei, e posso testemunhar quantas oportunidades foram propiciadas a partir da sua vigência e das políticas públicas educacionais geradas por ela. O programa Cultura é Currículo foi um bom exemplo de união entre escola e instituições culturais, era bem aceito pela comunidade escolar.

Segundo Oliveira (2014, p.27)

É preciso considerar o Patrimônio Cultural como transversal, interdisciplinar e/ou transdisciplinar, ato essencial no processo educativo para potencializar o uso dos espaços públicos e comunitários como espaços formativos. Embora tenha ficado patente que o processo educacional é mais amplo que a escolarização – inserindo-se em contextos culturais nos quais a instituição escolar não é o único agente educativo, não se pode prescindir do envolvimento de estabelecimentos de ensino e pesquisa, a partir de programas de colaboração técnicas de convênios.

A nossa formação cultural e pessoal pode ser comparada a uma colcha de retalhos, cujas partes vão pacientemente sendo costurados pelo tempo. Há vivências que ficam adormecidas, esquecidas em um canto da memória, mas que voltam e nos fazem lembrar do caminho que percorremos, através de uma palavra, imagem ou outro estímulo.

Sendo assim, constitui-se como objetivo geral do trabalho apresentar as políticas públicas que consolidaram a inclusão do Museu Histórico, Artístico e Folclórico Jornalista Ruy Menezes, patrimônio cultural da cidade de Barretos-SP, no programa Cultura é Currículo, idealizado pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo (SEESP), tendo como objetivos específicos conhecer os mecanismos que constituem uma política pública cultural,

identificar como esta política tem impacto na vida dos indivíduos, na sua relação diária com o público e reconhecer o museu como espaço educativo.

Diante do exposto, o presente trabalho foi estruturado da seguinte maneira:

No primeiro capítulo é analisado brevemente o contexto internacional sobre o conceito de museu e as premissas da educação museal; o panorama brasileiro e o desdobramento das políticas públicas para a área. No segundo capítulo observa-se a história da fundação do museu Histórico, Artístico e Folclórico Jornalista Ruy Menezes, localizado no município de Barretos, a constituição de seu acervo e sua importância para a comunidade. Devido a sua importância para o patrimônio cultural de Barretos, ele foi incluído no Programa Cultura é currículo da secretaria estadual de educação. No terceiro capítulo é abordada a mediação cultural, tema central no currículo de arte paulista e seus desdobramentos dentro da instituição museal e escolar.

1. METODOLOGIA

Uma pesquisa objetiva alcançar respostas para as questões propostas. Silva e Menezes (2001 p.20) consideram a pesquisa como “um conjunto de ações propostas para encontrar a solução para um problema, que tem por base procedimentos racionais e sistemáticos”.

Para atingir os objetivos propostos, este estudo utilizou a pesquisa exploratória por meio da revisão bibliográfica e documental a partir de livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, dissertações, teses e documentos do museu e observação assistemática mediante realização de visitas ao museu.

A abordagem é qualitativa, o objetivo do estudo é de natureza exploratória, visando maior proximidade com o tema. A autora Souza (2004) afirma que a abordagem qualitativa, mais do que qualquer outra, levanta questões éticas, principalmente, devido à proximidade entre pesquisador e pesquisados.

De acordo com Silva e Menezes (2001) tal estudo objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais.

O trabalho científico classifica ainda como abordagem qualitativa, na qual analisa que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, uma conexão indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do indivíduo que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos acontecimentos e a atribuição das definições são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não exige o uso de métodos e técnicas estatísticas (SILVA; MENEZES, 2001).

A observação assistemática é uma técnica que, segundo Prodanov; Freitas (2014)

A técnica da observação não estruturada ou assistemática, também denominada espontânea, informal, simples, livre, ocasional e acidental, consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize os meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas. É mais empregada em estudos exploratórios e não tem planejamento e controle previamente elaborados. O êxito da utilização dessa técnica vai depender do observador, de estar atento aos fenômenos que ocorrem no mundo que o cerca, de sua perspicácia, seu discernimento, preparo e treino, além de ter uma atitude de prontidão. No entanto, a observação não estruturada pode apresentar perigos: quando o pesquisador pensa que não sabe mais do que o realmente presenciado ou quando se deixa envolver-se emocionalmente. A fidelidade, no registro dos dados, é fator importantíssimo na pesquisa científica (PRODANOV; FREITAS, 2014 p. 104).

De acordo com o objetivo “a pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses” (SILVA e MENEZES apud Gil ,1991 p. 21).

O objeto da pesquisa foi o Museu Histórico, Artístico e Folclórico Ruy Menezes, importante patrimônio da cultura barretense. Foram contemplados aspectos desde sua montagem, realizada por munícipes, passando pela ação do poder público que cedeu sua sede própria, até sua efetiva transformação em bem cultural da cidade e inclusão no programa Cultura é Currículo, da rede estadual de educação de São Paulo. Foram colhidas informações de acesso público e realizada uma entrevista com a então gestora do museu Sueli de Cássia Tosta Fernandes, gestora do museu durante o período de 2008 a 2014.

Para a realização deste trabalho, foram feitas visitas ao Museu Ruy Menezes nos meses de Novembro e Dezembro de 2018. Destaque especial deve ser dado às contribuições proporcionadas por Sueli Fernandes, hoje Gestora de Projetos da Secretaria da Cultura de Barretos, através de seu relato oral e da disponibilização de documentos e imagens.

Os dados sobre a visita, número de alunos atendidos pelo programa também são uma interessante contribuição para este estudo. Para isso, foram coletados no site da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Outro aspecto abordado foi a mediação cultural em um espaço museal, baseado principalmente no trabalho da professora Miriam Celeste Martins, autora do Currículo de Arte paulista.

Para Minayo (1994 p. 14) “não é apenas o investigador que dá sentido ao seu trabalho intelectual, mas os seres humanos, os grupos e as sociedades dão significado e intencionalidade em suas ações e a suas construções”. O método sistematiza as informações coletadas, mas esta ação se tornaria mero aglutinado de estatísticas se não fizesse sentido para determinado grupo social e culturalmente. Todo conhecimento é histórico, está intimamente ligado ao contexto temporal.

Ainda segundo a autora

Da forma como tratamos neste trabalho, a metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador. Enquanto abrangência de concepções teóricas de abordagem, a teoria e a metodologia caminham juntas, intrinsecamente inseparáveis. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática. O endeusamento das técnicas produz ou um formalismo árido, ou respostas estereotipadas. Seu desprezo, ao contrário, leva ao empirismo sempre ilusório em suas conclusões, ou a especulações abstratas e estéreis. Nada substitui no entanto, a criatividade do pesquisador (MINAYO, 1994 p.16).

Um elemento da pesquisa não pode sobressair ao outro, ela é composta pela união de diversos aspectos, que dialogam e trabalham coletivamente, é uma união que não encerra-se em si mesma, está aberta a futuros desdobramentos.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Breve histórico da estrutura e criação do Programa Nacional de Museus

Os museus, apresentam-se como instrumento de salvaguarda da memória cultural de uma sociedade, bem como são responsáveis pelo patrimônio natural e cultura, material ou imaterial surgindo no transcorrer da sua ampliação, já que, a sua origem a princípio tinha o objetivo exclusivamente de proteger e não de espalhar as informações culturais.

O propósito da instituição de diretrizes e gestão é entendido como um revigoramento da atividade museológica (PNEM, 2018). O Programa Nacional de Educação Museal (PNEM), originado pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) em 2011, pode ser mostrado como uma política pública que deseja incluir cultura e educação em espaços museológicos.

A correlação entre educação e museus é assunto apelante no campo da museologia. Entretanto, no momento em que levantado, em maior parte, é feita de maneira dispersa em documentos de outras áreas do campo, especialmente os setores de comunicação e descrição. Nesse entrecho, o IBRAM inova ao sugerir um programa focado em pedagogia em museus e ao adotar o termo “educação museal” no título desse programa, impulsionando dessa maneira a elaboração desse conceito e sua aplicação e execução.

A estruturação dos setores educativos nos museus brasileiros se remete ao ano de 1927, com abertura do Serviço de Assistência ao Ensino do Museu Nacional criado por Roquette Pinto. Esse fato impulsionou a abertura de setores como esse em diversas outras instituições: Casa de Rui Barbosa e a Pinacoteca do Estado de São Paulo na década de 50, Museu Lasar Segall na década de 70 e Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC-SP) na década de 1980 (IBRAM, 2014 p. 3).

Para supervisionar como se deu o processamento na obra da qual foram retiradas as técnicas e aquilo que se faz do programa é necessário recuar e ver o seu entrecho de obra, assim como a metodologia usada para elaboração dessa política. A procura por um processamento de institucionalização da correlação entre Educação e Museus no Brasil passa, impreterivelmente, pelos debates realizados no meio externo sobre o assunto, que trazem motivos para a construção de uma asserção educativa para o entrecho brasileiro.

A escolha do Seminário Internacional da Unesco “O papel dos museus na educação”, executado no Brooklyn Museum nos Estados Unidos em 1952, como ponto de início para a retrospectiva da correlação educação-museu vem do feito de esse ser o primeiro embate de meio

externo a alimentar sobre o assunto “ pedagogia em museus” (MARTINS, 2011 p. 60-61), marcando por isso o início de uma asserção ampla, de ótica astuciosa, que tratasse sobre a questão, até por isso restrita à experiências regionais ou mesmo institucionais. Luciana Martins relata que o seminário teve a duração de um mês e reuniu profissionais de 25 países, tendo sido executado nos Estados Unidos visto que o país era por isso referência na familiaridade entre escolas e museus.

O evento teve como essencial assunto de discussão a utilização dos museus como princípios de treino para a educação de jovens e adultos. Essa conferência marcaria, de acordo com a autora, um momento que iria controlar político e epistemologicamente todos os países que participaram da mesa-redonda, entre eles o Brasil (MARTINS, 2011).

A probabilidade dos organizadores do seminário era que os profissionais que participassem das discussões pudessem provocar em seus países as convicções e experiências discutidas e vivenciadas ao longo o embate, e que dessas formas esses pudessem controlar as instituições museológicas de seus países. De acordo com Martins, este propósito de popularização aparecia no meio do encontro, tendo sido colocado a partir de sua elaboração à posterior prática de encontros, publicações e seminários regionais sobre a ideias com a missão de difundir, fundir e escavar as discussões realizadas ao longo o seminário (MARTINS, 2011).

Entretanto, Martins (2011) faz uma isenção ao confirmar, tendo como ponto de referência a autora Seibel-Machado, que o seminário aparecia vigorosamente enleado às convicções liberais norte-americanos do tempo, explicando uma postura educativo “acrítica e tecnicista” (Martins, 2011 p. 62) que não se preocupava em alimentar o assunto dentro do entrecho sociocultural dos países integrantes da controvérsia.

Embora o Seminário tenha representado um significativo avanço na discussão e na prática educativa dos museus este exerceu ao mesmo tempo, uma função homogeneizadora e universalizadora do papel da educação que interessava às forças político/econômicas dominantes, qual seja: direcionar e adequar o potencial educativo do museu e da escola às necessidades e exigências de modernização da sociedade preconizada pelo sistema capitalista em expansão (MARTINS, 2011. p. 62 apud SEIBEL-MACHADO, 2009 p. 30)

Por outro lado, mesmo não rompendo com a correlação unidirecional por isso estabelecida entre a museu e o seu público, o seminário conseguiu reafirmar a valia dos setores educacionais nas instituições museológicas. Coeficiente esse que contribuiu para o crescimento das discussões em redor do assunto e fortaleceu os profissionais e setores já existentes (MARTINS, 2011).

O Seminário Regional da Unesco sobre Função Educativa dos Museus, executado em 1958 no Rio de Janeiro, foi um dos desdobramentos do seminário no Brooklyn Museum. Considerado como uma hora no qual as discussões sobre o assunto pedagogia em museus ganharam um espaço regional, fazendo com que as discussões se aproximassem mais da existência dos países latino-americanos e fugissem de uma ficção eurocêntrica ou restrita a existência norte-americana: (MARTINS, 2011).

De acordo com Toral (1995), que esteve presente ao longo do encontro, o receio central dos integrantes do Seminário aparecia centrado na manifestação da classe epistemológica da Museologia. Como resultado, conceitos-chave do setor, por exemplo museu, museografia/museologia e a correlação dos seres humanos com os itens colecionados pelos museus, foram debatidos. A tônica dessas discussões centrou-se, como sobressai o próprio título do embate, no ofício educativo dos museus e na imobilidade dessa com as demais utilidades museais.

Nesse intuito, a educação foi referendada como um ofício que pode resultar em vantagens aos museus, porém que não precisa ingerir o lugar de outras utilidades da mesma maneira essenciais, como “fixação física, investigação científica, deleite, etc.” Também dentro da perspectiva educativo, apontou-se a especificidade do trabalho do responsável pela pedagogia no interior do museu, conhecido por “pedagogo do museu” (MARTINS, 2011 p. 62).

É possível verificar que as discussões versadas ao longo do encontro tocaram em vários pontos também hoje considerados críticos pelos profissionais que trabalham nos setores educativos de museus. Proposições como a urgência de institucionalização desses setores em nível de conformidade com os demais setores da escola, a manifestação do papel do por isso combinado como “pedagogo do museu ” e a associação direta entre pedagogia e descrição museológica que, também hoje, tende a diminuir a desempenho desses setores. Este encontro, de acordo com Fernanda Castro, descreve os primeiros passos para a futura conservação de uma asserção educativa para museus da América Latina e do Brasil, que também levaria alguns anos para amadurecer (CASTRO, 2013 p. 67).

Embora dos avanços trazidos pelas discussões ao longo o seminário, Castro (2013) ressalta as limitações existentes no certificado compilado:

Apesar do avanço, o trabalho educativo ainda não é apontado como essencial nos museus. O centro do documento é apontar a Exposição como forma principal de comunicação educativa a realizar-se no museu. Vemos ainda aí uma forte influência da educação bancária, uma vez que o diálogo e interação entre “guias” ou “especialistas” não é citado como metodologia, além do que outras atividades educativas, para além da visita guiada, não são mencionadas (CASTRO, 2013 p. 67).

No Brasil, as discussões sobre o assunto similarmente estavam ganhando corpo, nesse processamento destaca-se a desempenho de Regina Real com o folheto em 1969 de seu de acordo com indicador “Binômio: Museu e Educação ”, divulgado pelo Ministério da Educação e Cultura. Castro relata, nesse folheto, sobre a tese “novos rumos para os museus”, no qual um grupo de museologistas aventa uma sociedade entre o MEC, a Associação Brasileira de Educação (ABE) e Associação Brasileira de Museologistas (ABM) para trabalhar em um projeto de obra de setores educacionais nos museus brasileiros que conseguissem reparar o público escolar e estimular parcerias com as escolas e profissionais de pedagogia, tornando até mesmo obrigatória a passada a museus por categorias escolares (CASTRO, 2013).

Entretanto apesar da formação dessa representação, não houve, ao longo do tempo de despotismo civil-militar (1964-1985), nenhuma política pública canalizada para as questões abordadas no certificado (CASTRO, 2013).

Outro momento fundamental a ser notificado nesse processamento de ressignificação e expansão da correlação entre educação e museus no Sec. XX é a Mesa Redonda de Santiago do Chile realizada em 1972 com o assunto “o papel dos Museus na América Latina”. Evento que marca, de acordo com Martins (2011), o atrelamento entre o acervo cultural guardado e a utilização social desse acervo, e pela elaboração do conceito de museu integral

É nesse entrecho que os setores educacionais passam a ser vistos como espaços estratégicos para o alcance do papel comunitário das instituições museológicas, uma vez que é a partir deles que o contato com o público se efetiva de maneira mais direta e sistematização. Mesmo também estando bastante relativos ao treino legítimo, estes setores educativos ganham nessa hora um novo ofício, o de serem “agentes de transformação social ” Martins (2011, p. 65), papel esse acentuado pelas muitas diretrizes do certificado fruto dessa conferência que falam de modo direto sobre o processamento educativo.

A Mesa-Redonda recomenda a organização de serviços educativos naquelas instituições que ainda não o possuem, de forma a garantir suas funções educacionais de forma regular. Esses serviços, e suas práticas, deverão ser integrados à política nacional de ensino e, além das visitas à instituição, deverão ser produzidos, em grande número, materiais impressos e audiovisuais para ampla distribuição, principalmente junto ao público escolar. Também deverão ser estabelecidos programas de formação de professores em todos os níveis de ensino, além de incentivar-se a montagem de exposições e coleta de acervo sobre o patrimônio local em todas as escolas (MARTINS, 2011 p. 65).

A Declaração de Québec, produto do encontro de 1972, é outro momento que, tendo como referência as discussões realizadas nos encontros anteriores, visa corporificar um balanço das mudanças ocorridas depois dos encontros do Rio de Janeiro e Chile. Como conclusões, o

certificado apresenta o novo espaço tomado pelos setores educativos dentro do museu, não mais limitados ao papel de centro de visitas guiadas para escolares, porém apresentando para seu setor de influência uma série de atividades no qual o público está dissimulado, e passando a atuarem em sociedade com mais setores da escola, seja na concepção e produção de exposições, no treinamento de profissionais e monitores ou mesmo na apreensão de recursos (MARTINS, 2011).

Em 1992, ao longo do seminário “A missão dos museus na América Latina hoje: novos desafios” executado em Caracas, mais uma vez houve um movimento de experiências, agora em um contexto no qual vários museus já haviam implementado o trabalho com a comunidade em sua rotina. Nessa hora, mais uma vez foi reafirmado o compromisso das instituições museológicas como agentes sociais de progresso em sociedade com a biocenose, no qual “as utilidades de comunicação e educação são essenciais para a ocorrência desse processamento”. (MARTINS, 2011 p. 66-67).

No entrecho brasileiro, o século XXI foi palco de muitas políticas públicas voltadas para o campo museológico, como a Política Nacional de Museus, a Lei de Museus e o Programa Nacional Setorial de Museus já citados na assembleia anterior. Não obstante, se analisarmos as contribuições dessas políticas para a especificidade do setor de pedagogia em museus percebe-se que as diretivas relacionadas à pedagogia em maior parte se preserva na superficialidade das complicações vivenciadas pelas instituições.

De acordo com Castro (2013) há alguns pontos que tratam sobre pedagogia na Política Nacional de Museus:

2.4 Criação de programas que visem a uma maior inserção do patrimônio cultural musealizado na vida social contemporânea, por meio de exposições, concursos, espetáculos, oficinas e outras ações de caráter educativo-culturais. 2.8 Criação de medidas de cooperação técnica e de socialização de experiências: a) realizadas em programas de comunicação com público gerais e específicos (curadorias participativas, exposições, visitas orientadas, elaboração de materiais didáticos, desenvolvimento de serviços educativos, etc.) 3.2 Inclusão nos currículos escolares de ensino fundamental e médio de conteúdos e disciplinas que tratem do uso dos museus e dos patrimônios culturais. 3.3 Criação de políticas de formação em educação museal e patrimonial, reconhecendo que estas expressões configuram campos de atuação e não metodologias específicas (CASTRO, 2013, p. 70 apud BRASIL, 2003).

E no Estatuto de Museus:

Art. 29. Os museus deverão promover ações educativas, fundamentadas no respeito à diversidade cultural e na participação comunitária, contribuindo para ampliar o acesso da sociedade às manifestações culturais e ao patrimônio material e imaterial da Nação.

Art. 30. Os museus deverão disponibilizar oportunidades de prática profissional aos estabelecimentos de ensino que ministrem cursos de museologia e afins, nos campos disciplinares relacionados às funções museológicas e à sua vocação (CASTRO, 2013, 72 apud BRASIL, 2009).

Os tópicos destacados dos documentos trazem uma percepção dos museus como espaços de conhecimento e representação social que atuam a partir de suas exposições e aquilo que se faz, devendo para isto trabalhar em parceria com a comunidade em que estão inseridos. Entretanto, questões de distintivo mais experiente, como a manifestação do papel do docente de museus nesse processamento, a finalidade financeira essencial para prática de aquilo que se faz educativa ou mesmo a obrigatoriedade da obra de setores educacionais nos museus, não tratadas nesses documentos.

Em 2010 é originado o Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM), que traz planejamentos políticos para o campo museal a serem implementadas entre 2010 e 2020. Este certificado é catalogado em eixos temáticos (Produção simbólica e variedade cultural; Cultura, município e naturalidade; Cultura e progresso sustentável; Cultura e economia criativa; Gestão e institucionalidade da cultura) e foi construído em uma perspectiva de não homogeneização daquilo que se faz promessas, razão pelo qual foram criados anexos específicos com diretivas, técnicas e aquilo que se faz focadas nas mais muitas tipologias de museus (Arte, História, Culturas Militares, Ciência e Tecnologia, Etnografia, Arqueologia, Comunitários e Ecomuseus, Imagem e Sentença, Arquivos e bibliotecas de museus).

Nota-se um esforço de construção coletiva de uma política pública que buscasse um direcionamento mais experiente para as muitas questões e problemáticas com as quais os museus evidenciam suportar em sua rotina.

No meio educativo são vários os apontamentos feitos no Plano, não obstante, nada verdadeiramente novo apareceu no certificado. Castro ressalta que o certificado não conseguiu estruturar os eixos temáticos com as promessas apresentadas e que a esforço de enumeração de aquilo que se faz por tipologia de museus não foi realizada com sucesso, uma vez que houve falta de aprofundamento nas especificidades de cada tipologia que, em maior parte, trazem em seu artigo orientações e diretivas gerais repetidas para todos os tipos de museus, caindo dessa maneira na armadilha que tentou esquivar-se, a homogeneização (CASTRO, 2013).

É nessa possibilidade que a autora afirma a durabilidade de um vão a ser preenchido pela política pública que versasse de maneira mais sistematizada sobre as problemáticas consecutivas da correlação entre museu e educação e que pudesse reparar as reivindicações dos

profissionais que atuam nos setores educativos de museus. Dessa forma, é com o intuito de reparar esse pleito que o Programa Nacional de Pedagogia Museal é originado.

Outro evento que não pode ser esquecido nesse processamento é a obra das Redes de Educadores de Museus (REMs) no Brasil. Tendo seu início no município do Rio de Janeiro em 2004 sob o nome “ Grupo de Educadores em Museus”, foi a princípio criada com o intuito de “ ter os tantos programas, esboços e atividades educativas elaboradas em museus por todo o Brasil, no intuito de não perder tais registros durante do tempo ” (SOTO, 2010, p. 92).

Não obstante, Soto (2010) ressalta que a desempenho do grupo acabou se expandindo, passando a se impressionar similarmente com a construção de um referencial teórico pelo qual a setor de pedagogia em museus era também miserável. A valia da REM do Rio de Janeiro se expandiu e esta passou a ser um centro promotor de debate sobre a desempenho dos profissionais de pedagogia em museus de todo o país, o que estimulou a obra de redes em mais estados.

É fundamental realçar que as REMs são categorias de natureza social que atuam em sociedade com organismos públicos. Soto apresenta em sua tese de mestrado um conceito de rede que é fascinante para julgar a desempenho desses espaços de discussão que estão se disseminando pelo mundo, tendo exclusivo desempenho no campo cultural:

A ideia da rede é que todos atuem em parceria, que seja uma atividade aonde cada um dependa do trabalho outro. Ao tratar os grupos sociais em rede, o fluxo tem muito mais importância que as posições em si. As redes lidam com o movimento, os indivíduos, os chamados elos, desempenham papéis e, não necessariamente, ocupam posições. Uma rede nunca será uma estrutura fixa. (SOTO, 2010 p. 93)

Essa estrutura apresentada por Soto (2010) foi usada como base para a obra das REMs, que evidencia revelando sua eficiência por meio do alto índice de comunicação e qualidade dos debates e textos elaborados, tornando-se hoje espaços de referência no momento em que o assunto é educação em museus no Brasil. De acordo com o autor, as REMs são hoje “ um dos mais essenciais canais de comunicação no meio museológico, um lugar destinado à troca de experiências, no qual os educadores são capazes de associar as suas competências, aprendizados e consideração ” (SOTO, 2010 p. 92).

Essa experiência demonstra como a alteração comunitária pode fazer modificações no meio fantasista e astucioso. Em depoimento realizado com a Técnica em Conteúdos Educacionais do IBRAM Monica Padilha, a servidora ressalta as REMs como essenciais articuladoras e promotoras para a que o IBRAM se movimentasse pela obra de uma política pública canalizada para educação em museus.

Por fim, a instrução no Brasil do conceito de Educação Patrimonial similarmente precisa ser considerada um começo teórico que impulsionou a elaboração do PNEM. Aponta-se o 1º Seminário sobre a Utilização Educativa dos Museus e Monumentos executado no Museu Imperial de Petrópolis em 1983 como a hora em que se introduziu no país os conceitos e a metodologia inspirada no modelo de heritage education produzido na Inglaterra.

Essa metodologia, adotada por Oliveira (2014) viria a se reintegrar modelo para todas as atividades educativas desenvolvidas pelo instituto, sendo mesmo institucionalizada por meio do folheto do Formulário Básico de Educação Patrimonial em 1996 e do início da elaboração de um setor no instituto voltado para o assunto.

2.2 Criação do sistema Estadual de Museus do Estado de São Paulo e do Museu histórico, artístico e folclórico jornalista Ruy Menezes

Conservar a história e a memória do cidadão constantemente foi uma grande provocação e desafio. Nesse contexto, os museus exercem um significado surpreendentemente fundamental. Vários pensam que eles são somente um caminho em direção ao passado, no momento em que na verdade são muito mais que isto. É um lugar de conexão entre passado, presente e futuro, uma vez que olhar o passado é saber o que foi realizado para desenvolver mecanismos que são capazes de controlar o presente, para que novas competências e técnicas sejam disponibilizadas para a sustentabilidade das futuras gerações.

Criado pelo Decreto Estadual nº 26.634, no dia 13 de Janeiro de 1986, na gestão do governador Franco Montoro, o Sistema Estadual de Museus Paulista (SISEM-SP), é o mais antigo sistema estadual criado no Brasil. Ele visa a promoção, a articulação e desenvolvimento técnico dos museus paulistas, em favor da preservação, pesquisa e difusão do patrimônio museológico paulista e da valorização da cultura e da cidadania.

O decreto nº 26.634 estabelece:

Artigo 1º - Fica instituído, nos termos deste decreto, o Sistema de Museus do Estado de São Paulo.

Artigo 2º - O Sistema de Museus do estado de São Paulo tem como principais objetivos:

I – promover a articulação entre os museus existentes no Estado, respeitada sua autonomia jurídico-administrativa, cultural e técnica.

II – estabelecer uma identidade de trabalho baseada no papel e função do Museu dentro da comunidade onde ele atua.

III – estabelecer programas comuns de trabalho, respeitando as especificidades e o desenvolvimento da ação cultural de cada entidade museológica e a diversidade cultural no Estado. (São Paulo, 1986,n.p.)

Observa-se que o decreto expressa a necessidade do museu estar inserido no contexto social da comunidade que ele atende, visando assim reforçar a identidade cultural e os laços de pertencimento com o grupo.

Vale ressaltar que anterior ao SISEM (2014), o estado já possuía uma rede de museus históricos e pedagógicos instituída pelo Decreto n° 26.218, de 3 de agosto de 1956, na gestão do governador Jânio da Silva Quadros, com o seguinte teor:

Artigo 1º - Fica a Secretaria da Educação autorizada a instalar, por intermédio do Departamento de Educação, Museus Histórico-Pedagógicos nas cidades de Batatais, Campinas, Guaratinguetá e Piracicaba, a fim de focalizar a personalidade, a vida e a obra dos presidentes Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves e Washington Luiz, bem como os grandes acontecimentos e as maiores figuras da vida nacional na respectiva época. (São Paulo, 1956, n.p.)

De acordo com o site oficial do Sistema Estadual de Museus do Estado de São Paulo (SISEM, 2014), foram implantados 59 museus pedagógicos, que tinham sua gestão compartilhadas com as respectivas prefeituras. Com a criação da Secretaria Estadual de Cultura, em 1979, esta rede de museus ficou subordinada a ela.

Atualmente o SISEM-SP tem em sua composição 32 representantes regionais, sendo dois representantes titulares e dois suplentes para cada uma das 16 Regiões Administrativas e 2 Regiões Metropolitanas do Estado. Os representantes são eleitos a cada dois anos no Encontro Paulista de Museus, definindo as prioridades e linhas de ação nas suas respectivas regiões, conforme instituído no referido documento (SISEM-SP, 2014).

Na revista do 4º Encontro Paulista de Museus há o balanço da eleição dos representantes regionais de 2011, que na época eram 30. Na região de Barretos Sueli de Cássia Tosta Fernandes foi eleita a primeira titular, seguida de Marcelo Augusto de Moraes. A cidade de Barretos também tornou-se Polo Regional de Museus, abrangendo 19 municípios da 13ª região administrativa (SISEM-SP, 2014).

A criação do Cadastro Estadual de Museus (CEM-SP) visa sistematizar as informações sobre os museus paulistas a fim de efetivar a formulação de políticas públicas para o setor, atestar que o museu possui os parâmetros mínimos para um museu paulista, além de permitir o acesso a fontes de financiamento público por meio de editais. Dentre suas principais funções está orientar o museu em seu desenvolvimento institucional.

Segundo o artigo 3º do Decreto Estadual 57.035/2011, podem se cadastrar no CEM-SP todas as instituições culturais, sem fins lucrativos dedicadas à preservação e divulgação de acervos culturais materiais ou imateriais em espaços abertos ao público, para a finalidade de pesquisa, educação e fruição, contando com o quadro pessoal para seu funcionamento.

O CEM-SP está em consonância com os objetivos do Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM) e do Cadastro Nacional de Museus (CNM), e de acordo com o Decreto Presidencial nº 8.124/2013. Segundo o mesmo, em seu Capítulo II, no tocante a Gestão dos Museus integrantes do IBRAM (2014):

Art. 34. Os dirigentes dos museus que integram o IBRAM nos termos do art. 7º da Lei nº 11.906, de 2009, serão selecionados segundo critérios técnicos e objetivos de qualificação baseados em:

I – formação

II – conhecimento da área de atuação do museu;

III – experiência de gestão;

IV – conhecimento das políticas públicas do setor museológico

Parágrafo único. O IBRAM (2014) adotará processo público para seleção de dirigentes dos museus, conforme critérios estabelecidos em ato do Ministro de Estado da Cultura (Art. 34).

Salvaguardados pela legislação estão os museus e instituições preservacionistas da cultura nacional. Mas não é apenas neste âmbito que a ação pública atua. Na abertura do documento Subsídios para a Criação de Museus Municipais, Andrade (1988) conclama a população sobre a sintonia que a instituição museal deve ter com a mesma:

Outra coisa que me parece de enorme e imediata necessidade é a organização de museus, mas, pelo amor de Deus! Museus à moderna, museus vivos, que sejam um ensinamento ativo, que ponham realmente toda a população do Estado de sobreaviso contra o vandalismo e o extermínio (ANDRADE, 1988 p. 9).

Para Andrade (1988) a participação da população é fundamental para a constituição da identidade do museu, é o princípio do sentimento de pertencimento. Ainda sobre a criação dos municipais, o escritor explica:

[...]Quanto aos objetos do museu, não haverá municípe que não ofereça o que possui de arqueológico, de folclórico e mesmo de histórico e de artístico, em benefício e glória de seu município”. Assim a identidade de um museu está intimamente ligada com a história de sua comunidade (ANDRADE, 1988 p. 12).

Cultivando sentimento semelhante ao de Mário de Andrade, em 6 de fevereiro de 1979 nossa cidade viu nascer o Museu Municipal, quando o acervo do Museu Ana Rosa foi transferido integralmente para sua tão almejada sede própria, no antigo Paço Municipal. Segundo a historiadora barretense Karla Armani Medeiros, “tratou-se de uma ocasião deveras importante, com a presença do prefeito Mélek Zaidem Geirage, o bispo Dom Maria Mucciolo, a Diretora de Divisão da Educação, Cultura, Esportes e turismo, Professora Lydia Scannavino e o professor Raul Alves Ferreira”.

Esta história iniciou-se bem antes, no ano de 1961, quando uma equipe de professores e funcionários do ‘Colégio Estadual e Escola Normal Mário Vieira Marcondes’, inspirados pela iniciativa do professor Raul Alves Ferreira², constituíram o primeiro acervo do Museu Municipal, instalado na própria escola e denominado “Museu Ana Rosa”, em homenagem a esposa de Francisco Barreto, fundador de nossa cidade.

Partindo da cruz que encimava a sepultura do fundador da cidade, Francisco Barreto, há ainda cadeira de dentista (1895), armamentos utilizados por barretenses na Revolução Constitucionalista de 32 e na 2ª. Guerra Mundial, tralhas dos peões de boiadeiro, utensílios da cozinha caipira, indumentárias das Folias de Reis, instrumentos de tecelagem manual, peças do início do século XX que mostram a revolução tecnológica: da máquina de escrever (1910) ao computador, do lambe-lambe às pequenas máquinas fotográficas, aparelhos telefônicos, gramofone, TVs, rádios e curiosidades como: o primeiro altar da igreja do Rosário.

Ainda segundo Armani, um ofício expedido pela Secretaria de Estado dos Negócios da Educação de São Paulo, em dezembro de 1961, evidenciou a importância da iniciativa tomada pelo professor Raul, e ressaltou a necessidade do Museu Municipal ocupar uma sede própria.

No dia da instalação do Museu em sua sede própria, as palavras do prefeito Mélek Z. Geirage dirigidas a um jornal barretense confirmaram a importância do museu para o patrimônio histórico barretense, como um local de preservação das nossas tradições.

Posteriormente o vereador Ruy Menezes conseguiu torna-lo utilidade pública e durante a gestão do prefeito Milton Ferreira o prédio foi tombado como monumento histórico, através da Lei Municipal nº 2.240 de 10 de novembro de 1988 (MEDEIROS, 2011).

Até chegar o Museu Municipal à sua sede própria, faz-se necessário conhecer um pouco da história do prédio que foi escolhido para abrigar uma instituição tão importante para a preservação da memória barretense.

² Raul Alves Ferreira (1918-2003) foi professor, advogado, escritor, diretor de escola e delegado de ensino. Através de sua iniciativa foi montado o primeiro museu de Barretos: o Museu Ana Rosa.

Nossa história começa a se delinear no ano de 1907, no dia 15 de novembro, quando é inaugurado na Praça Francisco Barreto, o Paço Municipal, construído na gestão do prefeito Dr. Antônio Olímpio Rodrigues Vieira.

O museu como finalidade, o museu como objetivo, é a universidade popular, a universidade para o povo através dos objetos. O que em uma universidade normal é a linguagem das palavras e em última instância a linguagem dos sinais escritos, no caso do museu converte-se em linguagem dos objetos, do concreto (SALVAT, 1979 p. 19).

Este prédio imponente, com suas enormes janelas, destinadas a receber a luz natural, pois naquela época ainda não havia energia elétrica em Barretos, já deixa indícios que através delas a memória barretense não ficaria na escuridão.

Figura 1: Imagem do Paço Municipal sem as águias, década de 1910



Fonte: Álbum Aspectos de Barretos.

Posteriormente o prédio ficou conhecido como o Palácio das Águias, devido as esculturas que foram colocadas nas colunas acima da porta central, simbolizando poder.

As esculturas do Paço Municipal foram inspiradas no Palácio do Catete, onde as águias eram de ferro, depois foram retiradas e colocadas estátuas de musas e em 1910 colocaram novamente as águias, mas de bronze.

Desde antiguidade, a águia é usada como símbolo de poder por impérios, nações e exércitos. A ave foi marca das legiões romanas, das armas de Napoleão e das hordas de Hitler. Algumas cidades da região possuem águias em seus prédios, como Bebedouro. No Teatro Municipal do Rio de Janeiro há uma águia que cobre a cúpula do prédio, e foi restaurada em 2009.

Figura 2: Imagem do prédio com as águias, década de 1940



Fonte: Acervo do Museu Ruy Menezes

O prédio revela toda pompa e requintes arquitetônicos da época que foi construído. Segundo a historiadora Roseli Tineli, o Paço Municipal barretense foi construído tendo como parâmetro o Palácio do Catete, deve-se a isso as águias do nosso prédio. As águias só foram colocadas na década de 1920 (TINELI et al, 2012).

Antes da construção do prédio, a prefeitura foi instalada em vários lugares privados, por isso a edificação do Paço Municipal simbolizava a identidade oficial do poder público da cidade. Naquele momento, portanto, as autoridades teriam o local adequado para fazer suas reuniões, receber visitas ilustres e até mesmo realizar certos bailes de gala, assim como era de costume.

Hoje mais que uma parte da história barretense, esta construção revela as transformações ocorridas na nossa cultura, sociedade e modo de viver. Revela-se um verdadeiro “museu a céu aberto” (ARMANI, 2009 p. 70).

Figura 3: Museu Municipal Jornalista Ruy Menezes



Fonte: Tininho Júnior para o jornal O diário de Barretos

Em 1979 passa a funcionar como Museu Histórico, Artístico e Folclórico. No ano de 1993 passa a denominar-se Museu Histórico, Artístico e Folclórico Jornalista Ruy Menezes, em homenagem ao próprio Ruy Menezes, fundador da Academia Barretense de Cultura e falecido em 1992. Durante os anos de 1990 a 1995 o prédio é acometido por uma infestação de cupins e somente em 1996 é liberado para a visita pública.

Podemos destacar como acervo permanente do museu:

- Objetos e armamentos utilizados por barretenses usados por combatentes barretenses na Revolução Constitucionalista de 1932 e também durante a 2ª Guerra Mundial;
- Objetos dos peões de boiadeiro usados nas comitivas;
- Utensílios usados da cozinha caipira;
- Vestimentas usadas por foliões das Companhias de Reis;
- Instrumentos de tecelagem manual usados na produção artesanal de tecidos;
- Objetos tecnológicos do início do século XX, como máquina de escrever e computador, lambe-lambe, pequenas máquinas fotográficas, aparelhos e cabines telefônicas, gramofone, TVs, vários modelos de rádios;
- Primeiro altar da igreja do Rosário.

Figura 4: Candeia – instrumento para iluminar casas no século XIX.



Fonte: Acervo do Museu Ruy Menezes

Figura 5: Primeiro altar mor da Igreja do Rosário



Fonte: Acervo Museu Ruy Menezes

Figura 6: Capacete alemão



Fonte: Acervo Museu Ruy Menezes

Figura 7: Capacete americano



Fonte: Acervo Museu Ruy Menezes

Figura 8: Marmitta do Bezerrinha usada durante a 2ª Guerra Mundial.



Fonte: Acervo do Museu Ruy Menezes

Figura 9: Símbolo da Força Expedicionária Brasileira (FEB) usados durante a 2ª Guerra Mundial.



Fonte: Acervo do Museu Ruy Menezes

Francisco Assis Bezerra de Menezes, conhecido em Barretos como Bezerrinha, autor de diversas composições musicais, entre elas “Festa do Peão” que tornou-se um “hino” barretense, serviu durante a 2ª Guerra Mundial, e em solo italiano, protagonizou uma romântica história.

Durante o período que esteve nas batalhas, ele escreveu com a ponta da faca, o nome de sua namorada, Lygia, na tampa da marmita. Assim ele expressava as saudades da amada e o desejo de retornar vivo para ficar com ela. Bezerrinha felizmente sobreviveu, voltou a Barretos e se casou com Lygia Guerra Bezerra de Menezes, com a qual viveu até falecer (FERNANDES, Et al. 2012 p. 118)

Outro aspecto marcante da cultura barretense são as Festas em homenagem aos reis magos, as populares “Folias de Reis”, embora muitos festeiros não gostem do termo por estar associado a bagunça, preferindo a palavra Companhia. Segundo a tradição católica, esses festejos começam no dia 25 de dezembro, em virtude do nascimento de Jesus e encerram-se em 06 de janeiro, dia dos Santos Reis. Dentre várias companhias de reis de Barretos, uma terá especial destaque. Trata-se da Companhia de Santos Reis dos Irmãos Borges, que realiza a famosa festa anual na chácara Armour. Tendo como fonte o site da Associação Comercial de Barretos (ACIB), a referida companhia foi fundada em 06 de janeiro de 1944, em virtude de uma promessa realizada pela senhora Inácia Ferreira de Moraes (avó do Piquira), em benefício de seu esposo, o senhor João Adriano de Moraes que estava com a saúde abalada. Desde então, o envolvimento com a causa atravessou gerações, que se empenham ano a ano para manter viva a tradição (ACIB, 2018).

José Carlos Borges, apelidado de “Piquira” foi palhaço de folia de reis por 44 anos, tendo iniciado seu ofício em 1965, por meio de uma promessa.

Os palhaços são os personagens mais curiosos das Foliás de Reis, sempre mascarados e vestidos com roupas coloridas, seguram em suas mãos a espada ou o facão de madeira, com os quais defendem a bandeira. "Piquira" fez muito mais do que isso, dedicou sua vida à preservação de um importante patrimônio imaterial, defendendo nossa cultura, nossa tradição, nossa religiosidade e nossa identidade (FERNANDES, 2012 p. 02).

No dia 05 de dezembro de 2009 passou a integrar como parte do acervo do Museu Ruy Menezes a vestimenta de palhaço do popular “Piquira”, através de uma emocionante cerimônia que contou com a participação de seus familiares e das Companhias de Reis da fazenda Brejinho, da comunidade do Ibitu, dos Irmãos Borges e Estrela Sagrada. Esta homenagem póstuma procurou homenagear este barretense que tanto fez pelo patrimônio imaterial de nossa cidade.

Figura 10: Irmãos Borges e Sueli Fernandes no dia da doação da vestimenta do palhaço Piquira



Fonte: Blog do Museu Ruy Menezes

Figura 11: Irmãos Borges inserindo a vestimenta no Espaço Expositivo do Museu



Fonte: Blog do Museu Ruy Menezes

Figura 12: A vestimenta exposta no Museu



Fonte: Acervo pessoal

Através do espaço do museu a história barretense mantém-se viva, fatos cotidianos, vividos pelas pessoas de outrora chocam-se nosso modo de vida atual, muitas vezes e causando estranhamento, mas sempre lembrando aquilo que nos transformou no que somos hoje.

Schauble, Leinhardt e Martin (1997) defendem que a abordagem sociocultural é muito apropriada como arcabouço teórico para a aprendizagem em museus, na medida em que ela envolve a produção de significados dentro de um contexto social. Ao invés de enfatizar a

aprendizagem de fatos, ela ressalta o interjogo entre os indivíduos agindo no contexto social, assim como os mediadores nesse contexto.

O museu é uma fonte de manutenção da vida e memória local, é um elo de ligação com tempos de outrora, tanto para barretenses quanto para visitantes. Pode parecer inimaginável para alguém nascido no século XXI que pessoas cozinhavam em fogões de lenha, plantavam, colhiam e torravam seu próprio café, transportavam mantimentos em um lombo de burro, moíam o milho para alimentar seus animais e fazer o fubá que seria consumido pelas famílias e etc. Estas ações cotidianas são inimagináveis para o nosso estilo de vida atual de muitas pessoas. Transpor-se para o lugar do outro levando em conta um diferente contexto temporal e cultural é tarefa difícil sem o respaldo de instituições culturais.

Figura 13: Moedor de milho



Fonte: Acervo do Museu Ruy Menezes

Figura 14 – Mala de comitiva



Fonte: Acervo do Museu Ruy Menezes

O patrimônio histórico da nossa cidade deve ser preservado para as gerações futuras. A sensibilização e conscientização do por que e como conservar precisa ser concretizada por meio de políticas públicas que submerjam as comunidades e os agentes que se relacionam com os bens portadores da memória grupal e da identidade cultural dos vários grupos sociais.

A expressão “patrimônio histórico” faz parte de um conceito maior que é “patrimônio cultural”, este por sua vez pode abranger a história, a arte, o meio ambiente, a arquitetura, a música, o artesanato, a alimentação, as vestimentas, a cultura, enfim, vários aspectos da sociedade. Estes, por fazerem parte de um contexto importante às comunidades e à sua memória, necessitam de ser preservados e quiçá tombados. (FERNANDES, et al 2012 p. 266).

Nesse sentido, no ano de 2008 surge na capital paulista o Programa Cultura é Currículo. Iniciativa da Secretaria Estadual da Educação do Estado de São Paulo (SEESP), tendo por objetivo proporcionar aos estudantes da rede pública acesso a ampliação de seu repertório cultural e inserção social através de visitas a museus, teatros e espetáculos de dança. Diante da boa receptividade o programa, a Resolução 19, de 13 de Março de 2009 o amplia para todo o estado.

Segundo a SEESP (2009), o Programa contém três objetivos básicos:

- Democratizar o acesso de professores e alunos da rede pública estadual a equipamentos, bens e produções culturais que constituem patrimônio cultural da sociedade, tendo em vista uma formação plural e inserção social

- Fortalecer o ensino por meio de novas formas e possibilidades de desenvolvimento dos conteúdos curriculares em articulação com produções socioculturais e fenômenos naturais, diversificando-se as situações de aprendizagens

- Estimular e desenvolver a aprendizagem por intermédio o de interações significativas do aluno com o objeto de estudo/conhecimento de disciplinas, reforçando-se o caráter investigativo da experiência curricular.

O Programa Cultura é Currículo é composto por três projetos: Lugares de aprender: a Escola sai da Escola; Escola em Cena; O Cinema vai à Escola

O Projeto Lugares de aprender tem como objetivo promover o acesso de professores e alunos da rede estadual paulista a museus, centros, institutos de arte e cultura e a parques como atividade articulada ao desenvolvimento do currículo[...] Para tanto os professores receberão orientações por meio de material pedagógico, denominados Subsídios para o Desenvolvimento de Projetos Didáticos. Apresentam uma sequência de atividades para o ensino de disciplinas curriculares, entre as quais a de visita a uma instituição cultural, centradas em eixos temáticos presentes na proposta curricular das séries e de algumas disciplinas (SEESP, 2009).

O projeto previa como resultados esperados, a valorização do patrimônio cultural das cidades; compreensão e respeito às diferenças culturais de grupos e povos e formação de público de visitação a instituições e espaços culturais.

A seguir os dados quantitativos do Programa Cultura é Currículo, Projeto Lugares de Aprender:

Tabela 1 - Dados extraídos do SISVIC (Sistema Cultura é Currículo) e SIEC (Sistema Escola em Cena), 2015

Ano	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Alunos visitantes	160.720	258.974	562.760	706.920	825.480	927.760	612.640
Instituições parceiras	26	102	137	155	164	166	170
Municípios	10	243	315	390	510	562	537
Escolas	668	2.615	2.896	3.269	3.833	4.155	3.975
Recurso (R\$)	3.760.000	7.243.640	12.943.800	18.458.880	21.649.740	25.988.080	16.621.200

Fonte: USP 2017

Analisando a quantidade de alunos envolvidos nota-se que foi um programa com grande impacto nas escolas e instituições parceiras. Além das visitas, vários materiais foram enviados para as Diretorias de Ensino, como os 41 vídeos de instituições culturais e locais históricos a serem visitados pelos alunos dentro do Projeto Lugares de Aprender, conforme divulgado no site do Portal do Governo de São Paulo, em 17/06/2010.

Produzidos pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), em parceria com a TV Cultura, os filmes têm entre cinco e oito minutos cada um. Os vídeos serão uma importante ferramenta para que os professores possam explorar melhor as ações do projeto. O intuito é que os alunos assistam aos filmes antes das visitas para aprenderem mais ao percorrer as instituições (SEE. FDE. 2009, p. 1).

Ainda segundo o Portal, foram disponibilizados para as 870 escolas participantes no interior um kit com três DVDs produzidos nos municípios incluídos no roteiro do projeto.

Integraram cada DVD as seguintes instituições e locais:

Lugares de Aprender 1 (interior): – Museu Casa de Portinari, em Brodowski, – Museu do Telefone de Bragança Paulista, – Museu do Café, em Santos, – Sítio Santo Antônio, em São Roque, – Espaço Difusão Científica e Observatório de Franca, – Museu Municipal Edward Coruripe Costa, em Votuporanga, – Museu Municipal do Folclore, em Penápolis, – Centro Integrado de Ciência e Cultura, de São José do Rio Preto, – Museu Municipal Ruy Menezes, em Barretos, – Fazenda Nova, em Mococa.

Atualmente o vídeo sobre o Museu Municipal Ruy Menezes que integrou o Projeto Lugares de Aprender encontra-se disponível no Youtube. Também é possível encontrar um vídeo da Professora Ana Cláudia Santos e alunos da EE Mário Vieira Marcondes em visita ao Museu Ruy Menezes através do Projeto Lugares de Aprender.

Segundo informações no Blog do Museu Ruy Menezes, criado por Fernandes (2012), através da parceria firmada com a Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), foram realizadas 200 visitas semanais de alunos da rede pública estadual.

Figuras 15: Visita de alunos da EE Alexandre de Ávila Borges, da cidade de Jaborandi ao Museu Ruy Menezes



Fonte: Acervo do Blog do Museu Ruy Menezes

Figuras 16: Visita de alunos da EE Alexandre de Ávila Borges, da cidade de Jaborandi ao Museu Ruy Menezes



Fonte: Acervo do Blog do Museu Ruy Menezes

3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: AÇÃO EDUCATIVA, MEDIAÇÃO E EXPERIÊNCIAS NO MUSEU HISTÓRICO, ARTÍSTICO E FOLCLÓRICO JORNALISTA RUY MENEZES

Para que se possa conservar um bem cultural, é importante saber não exclusivamente que ele permanece, além disso se a amostra cultural é praticada pela população local, se as pessoas têm problema ou não em realizá-la, que tipos de dificuldade a aparentam, como essa tradição vem sendo prestada de uma geração para outra, que modificações têm sucedido, quem são as pessoas que atualmente agem diretamente na manutenção dessa tradição, entre diversos outros aspectos relativos à existência desse respectivo bem cultural.

Para Coutinho (2008), a cultura é uma construção histórica e social, que mantém proximidade com as relações de poder. Não há como refletir sobre cultura, em se tratando de projetos educacionais, sem encarar essas desigualdades.

É notório que a sociedade é heterogênea, abarca pessoas de diversos segmentos sociais e culturais e justamente essa diversidade deve ser levada em conta como possibilidade de ampliação de Horizontes Culturais (SÃO PAULO, 2008b).

Para pensar a questão da Cultura e de suas instituições, é importante tentar entender os mecanismos de institucionalização de bens culturais patrimoniais, assim como um pouco de sua história, situando a concepção que rege esse movimento em nossa sociedade ocidental e aproximando a questão do nosso contexto (SÃO PAULO, 2008 p. 43)

Ao propor o sentido subjetivo como unidade entre o simbólico e o emocional, González Rey (2005) integra o emocional a processos de significação e ressignificação simbólica, que passam a ser compreendidos como expressões de produções subjetivas[...].

Segundo Almeida e Martinez, (apud González Rey (2005), a subjetividade discutida por Rey é um complexo sistema que existe a nível subjetivo e social, no qual o mundo simbólico cultural é produto destas interações.

Segundo Dewey (2010, p, 109) não apenas a arte local, mas conhecer a arte de outros povos possibilita ao indivíduo ampliar a sua compreensão de cultura.

Uma comunidade desenvolve processos museológicos na medida em que dirige e desdobra sua reflexividade sobre o próprio modo de vida, deliberando e intervindo sobre os aspectos culturais que considera essenciais e que, por esse motivo, deseja conservar em seu viver. Assim, no contexto comunitário a Educação Museal é o aprendizado que se colhe ao participar dessas decisões e ações coletivas, em uma dinâmica ininterrupta de criação, preservação e comunicação patrimonial (PNEM, 2018 p. 63)

Garcia (2009) em seu artigo “Intervenção Museal no espaço urbano: história, cultura e cidadania no Parque Lagoa do Nado” conta como uma propriedade particular, já em desuso, foi desapropriada, pela prefeitura de Belo Horizonte para transformar-se em uma área de lazer para a população. Só que durante esse caminho, vários entraves políticos e administrativos foram surgindo, até que o governo estadual mineiro, por intermédio da Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais anunciou que iria construir um conjunto habitacional no local. Essa foi a deixa para que os movimentos populares começassem a eclodir, em defesa da criação de um parque no local. Entidades e associações de moradores organizaram em 4 de Abril de 1982 uma caminhada em defesa da criação do Parque do Lago, que contou com a participação de 2.000 pessoas.

No ano posterior foi criada a Associação Cultural Ecológica Lagoa do Nado (ACELN). A partir daí, foram várias formas de atuação e mobilização da comunidade, como passeatas, abraços em torno do parque, reuniões, mutirões de plantio de árvores, abaixo-assinados, cartas com cobrança de providência a órgãos responsáveis ou representantes políticos, festas, espetáculos teatrais e musicais, festivais de música, atividades esportivas e educacionais, entre tantas outras. É interessante ressaltar que o movimento organizado tinha também bastante cuidado em relação à memória em torno de suas ações (GARCIA, 2009 p. 06).

Todas essas ações culminaram com a necessidade da criação de um Centro Cultural na Lagoa do Nado. A comunidade aqui personifica as relações entre uma coletividade humana e o seu patrimônio, em um determinado território. O exemplo da mobilização da comunidade para a apropriação deste local mostra que um patrimônio, seja material ou imaterial é construído pelas pessoas, elas que determinam o seu valor.

Para Garcia (2009) a história revela a configuração de um lugar da cidade em sua dinâmica e complexidade, de um espaço idealizado desde diferentes pontos de vista até o espaço construído por diferentes atores em interação. Somos frutos do nosso tempo e de nossa cultura. A cultura é mutável, significações e ressignificações de um mesmo objeto por pessoas de tempos e realidades diferentes podem ser feitas.

Falar em educação nos espaços culturais tornou-se mais uma faceta do processo de ampliação de horizontes culturais. Hoje a internet oferece muitas possibilidades, podemos navegar por museus e instituições culturais de todo o mundo. Não há fronteiras, porém nada substitui o encontro presencial do objeto com o fruidor, como podemos perceber durante as visitas realizadas no Museu Histórico, Artístico e Folclórico Jornalista Ruy Menezes.

Durante a realização das visitas agendadas pela Diretoria de Ensino de Barretos, no mês de novembro de 2018, em uma iniciativa da Secretaria da Educação em retomar as visitas

de alunos das escolas estaduais ao museu, acompanhei uma turma de alunos da EE Paulina Nunes de Moraes. Fiz outras visitas ao museu sozinha, para coletar dados documentais. Durante a visita que acompanhei, percebi que assim que o ônibus chegava, as monitoras do museu já aguardavam para começar a visita, primeiro se apresentavam e mostravam da calçada a fachada do museu, chamando a atenção para as colunas ao lado da porta de entrada e para as águias no frontispício.

A turma foi dividida entre as duas monitoras. A turma que acompanhei foi levada ao salão central, no qual as janelas de madeira com seus vidros coloridos na parte superior podiam ser observadas, o altar da Igreja do Rosário, assim como alguns móveis e objetos dentro dos armários, usados em antigas farmácias também.

Num segundo momento, adentramos o cômodo que reproduzia um ambiente de uma cozinha caipira, com torrador de café, fogão a lenha, utensílios, moedor de milho e uma mala de comitiva próxima a roca e tear artesanal. Do lado oposto via-se as vestimentas e objetos usados nas festas em homenagem aos Santos Reis.

Em seguida foi visitado o espaço destinado aos barretenses que serviram durante a segunda guerra mundial, as armas e os capacetes expostos causam grande admiração em boa parte dos alunos. A história da marmita de Bezerra de Menezes e a inscrição com o nome da namorada (Lygia) causa grande comoção entre as meninas.

Avançando mais um pouco chega-se à cabine telefônica de madeira, aos telefones antigos, gramofone e a máquina fotográfica lambe-lambe, que rapidamente é associada a filmes antigos (preto e branco) e a alguns desenhos animados que os alunos tem o costume de assistir. Na sequência chegamos a um espaço expositivo simulando um bar, ao estilo das antigas “vendas” existentes nos bairros da cidade, que combina elementos do passado com elementos atuais, reiterando a função cultural desta instituição.

A concorrência para deixar o nome no caderno de visitas foi grande. Ao final da visita os alunos eram levados na parte inferior do museu acessando uma rampa, que também pode ser usada por cadeirantes. Neste local era finalizada a visita e distribuído o lanche, embalado para viagem.

Muitos comentários até o caminho de volta para o ônibus eram feitos e podia-se ter uma rápida avaliação do impacto da visita através dos comentários. Alguns alunos registraram a experiência através de fotografias, outros comentavam sobre objetos que só conheciam através de filme ou livros. A turma pertencia ao oitavo ano do Ensino Fundamental e um dos conteúdos curriculares abordados nesta etapa é “Misturanga” Étnica: Marcas no Patrimônio Cultural, vestígios na Cultura Popular. As autorizações assinadas pelos pais e responsáveis, em poder da

coordenadora da escola permitiam apenas a visita ao museu e não o uso da imagem dos estudantes, por este motivo não foram tiradas fotos e nem gravados vídeos com os mesmos.

Em geral o museu conta com uma boa estrutura, está bem conservado, pintado, possui banheiros e a rampa que dá acesso a porta dos fundos permite que visitantes em cadeiras de rodas acessem o interior do museu e possam visitar o acervo, que está sempre limpo. O piso é composto por assoalho de madeira, sempre encerado e brilhante. Infelizmente não há espaço para ampliação do acervo, nem das instalações, pois o prédio do museu não possui quintal e faz divisa com a Câmara Municipal e um banco privado.

Durante a visita senti a falta da cadeira de dentista, que sempre ficava na sala principal e causava-me um misto de curiosidade e pavor. Perguntei sobre ela para a monitora, que gentilmente informou-me que ela estava guardada. É interessante perceber as mudanças que acontecem dentro de um espaço expositivo, é necessário o manejo de alguns itens do acervo permanente para que se possam expor outros, no caso de uma exposição temporária, mas ficou aquela impressão que faltou algo...

Não pode-se pensar em educação apenas dentro da escola. Uma experiência extra escolar é um evento para os jovens e durante as visitas pode-se perceber o olhar movido pela expectativa e curiosidade.

Segundo Piaget (2007), a educação acontece ao longo da vida, é o processo de acomodação e ampliação dos conhecimentos adquiridos que nos move, nos transforma. A aprendizagem depende dos conhecimentos prévios e das experiências do sujeito. Juan Deval, que foi aluno de Piaget, defende que para ampliar a aprendizagem é preciso propor situações que desestabilizem os conhecimentos estabelecidos, é preciso motivar para superar o problema.

Visitar uma exposição é uma experiência cultural e sensitiva. É um contato que deveria ser acessível a todos.

Um convite à disponibilidade e à abertura frente ao que se lê e interpreta com seus próprios referenciais ampliados no diálogo e na multiplicidade de camadas de sentido que a arte, os objetos, o patrimônio e as manifestações culturais evocam nos espaços em que são preservados, expostos e divulgados. Um convite para aguçar a percepção, para analisar detalhes e o todo, para trocar e ampliar os saberes diante da multiplicidade, do antigo e do novo, do familiar e do inesperado, do concreto, do histórico e do simbólico (PNEM, 2018 p. 85^a)

O conceito de educação ao longo da vida é a chave que abre portas no século XXI (UNESCO, 1996). A seu lado está o conceito da “sociedade educativa” na qual tudo pode ser uma oportunidade para aprender e desenvolver os talentos.

Mais do que nunca vê-se a importância de aprender individual e coletivamente. Como já foi dito, mais que casas de memória, museus são casas da vida de um país, é a nossa identidade. São nesses locais que trocas são feitas, que a nossa história se mantém viva e que os laços de pertencimento são reforçados.

Atualmente temos a Museóloga Raquel Milagres de Mattos como gestora, e juntamente com a Secretaria Municipal da Cultura, são realizadas constantemente exposições e eventos no espaço museal.

No ano de 2018 foram realizados eventos como: Feira de Artesanato e Presentes, em comemoração ao dia das mães; Lançamento do livro “Annibal, uma biografia”, de Marisa Vilela; Exposição fotográfica de Aquino José, sobre o Campeonato Varzeano Barretense; Exposição “Noite do Horror no Museu”; Semana de Valorização do Patrimônio; além das consagradas apresentações dominicais do Chorinho no Museu. Como pode-se perceber, o Museu Ruy Menezes é um espaço pulsante de cultura, através dele Barretos mantem-se culturalmente efervescente e atrativa, tanto para munícipes quanto para turistas. O Museu nutre na rede social “Facebook” uma página com informações e convites para que a população participe dos eventos.

O PNEM (2018) coloca a educação museal como um arcabouço de ciência, a memória e o patrimônio cultural enquanto produtos da humanidade, ao mesmo tempo que contribui para os sujeitos, em relação, produzam novos conhecimentos e práticas mediatizados pelos objetos, saberes e fazeres.

Araújo (2018) em sua análise de uma experiência em arte educação no Museu Universitário de Arte Muna, aprecia como uma visita de um grupo de alunos que cursam o ensino fundamental pode transformar-se em uma experiência estética e de ampliação de universo cultural. Segundo ele, a estranheza ou aceitação de objetos artísticos pelo público se dá pelo contato, é um processo contínuo. O autor descreve sua experiência em que os alunos foram divididos em pequenos grupos e levados ao auditório do museu para orientações, em seguida visitaram as obras de arte contemporânea do acervo, com mediação de uma professora e monitores. Após a visita participaram duma ação educativa, onde produziram suas próprias obras.

Cabe salientar que durante as mediações realizadas com os alunos no museu de arte a equipe da ação educativa tem o importante papel de selecionar o conteúdo das obras com as quais os estudantes estão tendo contato naquele momento, alguns inclusive pela primeira vez. Desse modo os estudantes podem compreender os processos técnicos e artísticos das obras visuais presentes, importante para uma aprendizagem em arte mais significativa (ARAÚJO, 2018 p. 36).

Se pensarmos na escola como uma instituição cultural, esse encontro de escola e museu pode tornar-se uma possibilidade altamente proveitosa para todos os atores envolvidos.

Segundo Martins (2011) a mediação acontece através da família, dos amigos, das próprias obras, por professores, pela ação de educadores em museus e dispositivos diversos.

O vocábulo “mediação” nasce do latim *mediatio*, do verbo *mediare* – dividir pela metade, estar no meio[...] Embora não haja uma única definição possível, compreender a mediação como ação implica voltar-se ao conceito que coloca “entre” outros na busca de uma maior aproximação com os objetos e manifestações artísticas. Não basta o acesso tendo em vista a socialização da arte. Não bastam apenas informações gerais. Levar em conta as diferentes necessidades do público, com o oferecimento de diversos meios – como catálogos, materiais educativos, audioguias, jogos para a família, dispositivos específicos para surdos ou cegos, formação para os educadores etc. – é importante e tem por objetivo facilitar o acesso e democratizar as culturas (PNEM, 2018 p. 84-85).

A mediação é um processo altamente salutar pois dá vida ao objeto inanimado. No âmbito escolar transforma o conteúdo curricular em experiência pulsante. Ver um objeto em um livro certamente não será tão interessante quanto vê-lo pessoalmente.

Segundo Araújo (2018) a capacidade de compreensão do público com a obra está relacionada com suas experiências artísticas ao longo da vida. A utilização adequada de metodologias e estratégias por parte das instituições culturais só vem a contribuir para a elevação do significado de cultura.

Quando se fala em mediação cultural, há de se considerar também a visão do professor de arte, que também participa deste processo.

Nas palavras de Coutinho (2004):

Proporcionar vivências a outros sujeitos, como a nossos alunos, é oferecer condições para que essa situação possa acontecer, para que eles possam vivenciar situações de contato com a arte em profundidade. É colocar-se ou coloca-los em situação propícia para uma interação efetiva com a diversidade de produções e de conhecimentos do campo artístico. Quanto mais vivências tem, mais terão possibilidades de acumular experiências de vida significativas com a arte. Desse modo, tanto as situações que visam a aproximação da arte do ambiente escolar quanto a situações que os levem ao encontro da arte em seus espaços de produção e de divulgação ampliam essas possibilidades (p. 12).

Todo contato com objetos, fotos, situações que despertam sentimentos e sensações dentro de instituições culturais, proporcionam reflexões para quem entrou em contato com essas situações. O ato de mediar aproxima o receptor ao universo cultural apresentado, mas engana-se quem acredita que esta experiência, esse contato se encerra durante uma visita. Ele continua a ecoar na memória, mediar é dialogar.

Neste sentido, durante a visitação, a figura do palhaço despertava um certo medo em algumas pessoas, mas a máscara causava curiosidade por ter a barba confeccionada com lã de carneiro. O estandarte, marca registrada da Companhia de Reis, ocupava lugar de destaque. No final do cômodo um balcão de vidro guarda uma canga usada em carro de boi, estribos, berrante e objetos relacionados ao trabalho do peão de boiadeiro.

Figura 17: A monitora Karla Armani fazendo a mediação entre o discurso expositivo e os alunos



Fonte: Acervo do Blog do Museu Ruy Menezes (2009)

O Programa Cultura é Currículo, Lugares de Aprender abordado anteriormente, contava também com um material educativo intitulado: Subsídios para Desenvolvimento de Projetos Didáticos, que abrangia o Ensino Fundamental e Ensino Médio. Este material procurava ofertar situações de aprendizagem e ações educativas que poderiam ser desenvolvidas com os alunos durante o processo de visita a uma instituição cultural.

Aqui será abordado rapidamente o caderno destinado ao Ensino Médio, denominado: Séculos, Contextos e Transformações (SÃO PAULO, 2008c). No referido caderno tem-se como justificativa para o projeto o acesso à cultura, em forma de participação social e educativa.

As instituições culturais são locais privilegiados de promoção e preservação da cultura, portanto da memória coletiva, que é viva e está permanentemente em construção. Se pensarmos na instituição escolar, podemos considerar que ela também pode compartilhar dessas mesmas características [...] Neste projeto os alunos do Ensino Médio serão desafiados a criar uma relação entre as duas instituições, por meio do registro e da divulgação sobre o que aprenderão a respeito de determinada instituição cultural (SÃO PAULO, 2008c p. 9).

De acordo com o caderno, antes da visita à instituição parceira, o professor pergunta a turma qual instituição cultural da cidade eles conhecem. Em seguida ele comenta sobre a existência de prédios antigos e novos na cidade, as características de cada um, que podem ser percebidas através da observação das fachadas. Pode-se usar como exemplo o próprio prédio escolar. Assim objetiva-se perceber a transformação dos espaços urbanos através da ação humana e do tempo. Após a comparação, os alunos são convidados a produzir material escrito ou visual sobre o tema. Em um segundo momento a instituição cultural a ser visitada será pesquisada e questões como história, acervo, sua fundação serão abordadas. Após a visita, um terceiro momento se delineia: a produção de uma publicação sobre as experiências vivenciadas e os conteúdos aprendidos. Para esta produção sugeria-se a criação de um blog ou caderno.

Nesta rápida explanação temos um exemplo de uma sequência de atividades propostas pelo programa. A visita mediada é uma parte do processo de ampliação de horizontes culturais. Ela não encerra em si mesma. A mediação acontece na sala de aula, no espaço expositivo e depois será feita pelos próprios alunos, quando relatarem as suas experiências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos dados levantados pode-se concluir que o Museu Histórico Artístico e Folclórico Jornalista Ruy Menezes é um importante marco para a cultura e memória barretense, pois além de seu acervo, construído com objetos que fizeram parte da construção de nossa cidade, como descrito anteriormente (páginas 26 a 33) e do seu prédio que conta também essa história, ele é o símbolo vivo, o elo que une o passado e o presente.

Dados estatísticos divulgados na tabela 1, sobre o Programa Cultura é Currículo revelam que no ano de 2008 foram atendidas 668 escolas totalizando 160.720 alunos atendidos; em 2014, último ano do programa, foram atendidas 3.975 escolas, totalizando 612.640 alunos atendidos. O volume de alunos beneficiados pelo programa demonstra sua abrangência e impacto na oferta de novas formas de aprendizagem.

Nosso país ainda não prestigiou a memória como ela merece, propor e garantir espaços para esse resgate em instituições como os museus, no qual os tradicionais ofícios são as atividades de preservação e conservação de acervo, não é simples. As problemáticas apresentadas pelos profissionais do setor são inúmeras, a partir do papel secundário ao qual os setores educativos são submetidos, até a escassez do profissional de educação museal e o sucessivo processo de escolarização dos museus, que faz com que o museu absorva os costumes educativos da escola em sua estrutura.

Foi com o intuito de supervisionar melhor as principais motivações que levaram à obra dessa política e como essas foram contempladas no Documento Preliminar do PNEM tanto citado na pesquisa.

O objetivo deste trabalho foi analisar como uma política pública é formulada, seus objetivos, abrangência e setores envolvidos. Neste caso foi feito um breve histórico sobre a formação do Programa Nacional de Museus, levando em conta as influências internacionais e seu desdobramento nos âmbitos estaduais e municipais, com ênfase na formação do Sistema Estadual de Museus de São Paulo, tudo respaldado pelo amparo legal.

Em seguida foi analisada a transformação do prédio do antigo Paço Municipal de Barretos-SP no Museu Histórico, Artístico e Folclórico Jornalista Ruy Menezes e como seu acervo foi constituído, através da iniciativa do professor Raul e de funcionários da escola Mário Vieira Marcondes. Desde sua formação o acervo está intrinsecamente ligado à história barretense, começando pela cruz que pertenceu a sepultura de Francisco Barreto, fundador da cidade e pertences de munícipes de diversas décadas. Além disso, ele é uma importante fonte

de pesquisa para profissionais e pessoas interessadas em conhecer um pouco mais da história barretense.

Um museu deve ter identificação com a cidade, com a comunidade, e isso o Museu Ruy Menezes possui, por isso ele é um patrimônio cultural, declarado pela própria população. O prédio com seus 111 anos de história é o relato vivo das transformações arquitetônicas, tecnológicas e culturais ocorridas. Sua inauguração formal como Museu Histórico Artístico e Folclórico aconteceu no ano de 1979, de lá para cá nesses 39 anos de história, ele mantém viva a memória barretense nutrindo estética e culturalmente nossos jovens, demais munícipes e visitantes.

Diante dessa consagrada importância ele foi incluído no Programa Cultura é Currículo que foi instituído pela Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo nos anos de 2008 a 2014, com o propósito de ampliar os horizontes culturais dos alunos e professores da rede estadual de ensino, através de iniciativas como visitas a instituições culturais, espetáculos de dança, teatro e produções cinematográficas.

Lamentavelmente o projeto Cultura é Currículo, realizado nos anos de 2008 a 2014 terminou devido à contenção de despesas por parte da gestão estadual, do dia para a noite, mesmo diante de toda importância apregoada para a educação e cultura, e até esta breve retomada das visitas de escolas estaduais ao museu realizada no final de 2018 foi interrompida por motivos políticos.

Conclui-se, mediante o estudo realizado, que os museus firmam um excelente recurso educativo, com grande potencialidade no processo de treino e experiência. No momento em que bem trabalhado, ou seja, problematizado, de modo a levantar argumentos e questionamentos, no momento em que é ligado com a vida cotidiana do estudante, eleva em outro nível as visitas e de modo consequente os saberes que dali são retirados, promovendo consideração e inquietações. Já é notório o poder questionador que a arte exerce, ora, se desejamos formar indivíduos críticos e cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, é mister oferecer situações que proporcionem a ampliação do universo cultural e promoção da não acomodação intelectual, perceber-se como parte de uma sociedade em constante mudança é fundamental. Dessa forma, analisar o museu como espaço em que podemos encontrar a memória de uma população, de um grupo comunitário, demanda um processo de pensamento, bem como e especialmente de um apelo político, em razão de é uma memória eleita entre tantas que este local está preservando.

As visitas proporcionaram experiências sensíveis e estéticas, mediadas por professores e profissionais envolvidos. Essas experiências transcendem as paredes do museu e da escola, são levadas para a vida.

Durante as visitas realizadas, observou-se que o museu é um organismo vivo, pois está em constante transformação. Além do acervo permanente, sempre há o incremento de exposições e eventos. Engana-se quem pensa que museu é lugar somente de objetos antigos.

O uso das mídias digitais e novos meios de comunicação vão desmistificar a visão que museu é lugar de “coisas velhas”, é extremamente salutar estabelecer vínculos com as novas gerações, para que estas visitem o museu e estimulem seus familiares e amigos a fazê-lo. Outro aspecto importante que foi observado no museu barretense foi a disposição do acervo, que constantemente é reformulada.

Nos dias dedicados a eventos, a visita do museu é muito boa, entretanto em dias comuns, observou-se a necessidade de um fluxo maior de visitantes, o que destaca-se a importância das visitas de grupos escolares frequentemente. Mesmo atendendo toda a rede municipal de ensino, o referido museu poderia ter um aporte maior de visitantes se voltasse a atender a rede estadual, que segundo informações divulgadas no site da própria Diretoria de Ensino de Barretos, é composta por nove municípios, somando 30 escolas. Vê-se a importância de políticas públicas sérias e contínuas voltadas para as atividades educativas fora do espaço escolar.

Fica aqui um registro sobre a importância e abrangência deste programa para o fomento da cultura e educação. Foi uma iniciativa com resultados positivos que infelizmente foi abandonada. Mesmo a Prefeitura Barretense mantendo as visitas da rede municipal de ensino, o museu resente-se da ausência da rede estadual.

Felizmente o Museu Histórico, Artístico e Folclórico Jornalista Ruy Menezes resiste bravamente ao tempo e a descontinuidade de algumas políticas públicas. Através de eventos e de exposições muitas vezes realizadas com o trabalho de artistas da terra, ele luta bravamente para continuar a missão de propagar a cultura e memória Barretense. Foi contada aqui uma das faces da história, espero que este trabalho possa sensibilizar o leitor sobre a importância da manutenção da cultura local e da necessidade da formulação de políticas públicas que impactem positivamente na vida da nossa população.

Há um ditado popular que diz que um país sem cultura é um país sem memória. Espero que um espaço cultural como o Museu Ruy Menezes, não seja apenas um lugar para lembrar do passado, ao invés disso, espero que nossa sociedade possa manter sempre viva a chama da memória para que as futuras gerações conheçam a história que nos transformou naquilo que

somos hoje. Ninguém vive sozinho, a construção do passado se deu coletivamente e as futuras gerações colherão os resultados de nossas ações, por isso é necessário recordar, manter, preservar, cooperar, construir uma memória coletiva e duradoura.

REFERÊNCIAS

ACIB. Associação Comercial de Barretos. **Chegada da Companhia de Reis na Chácara Armour**. Disponível em: <http://www.acibarretos.com.br/festas>. Acesso em 29/12/18

ANDRADE, Mário. **A lição do amigo**: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. Rio de Janeiro: Record, 1988.

ARAÚJO, Gustavo Cunha de. **Arte, Escola e Museu**: análise de uma experiência em arte/educação no Museu Universitário de Arte Muna. São Paulo: 2018.

ARMANI, Karla de Oliveira. **A jovem República e seus efeitos em Barretos (1900-1909)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). – Bebedouro: Fafibe, 2009.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. **Decreto nº 8.124, de 17 de outubro de 2013**. Decreto Presidencial nº 8.124/2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2013/decreto/d8124.htm. Acesso em: 19/10/2018.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.

_____. **Lei nº 11.906, de 20 de janeiro de 2009**. Presidência da República Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Criação do Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2009/Lei/L11906.html#art7 Acesso em 10/11/2018.

_____. Ministério da Cultura. **Plano Nacional Setorial de Museus**. Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/PSNM-VersaoWeb.pdf>. Acesso em: 19/09/2018.

_____. **Programa Nacional de Educação Museal**. 2013. Disponível em: <https://pnem.museus.gov.br>. Acesso em: 19/09/2018.

_____. Resolução 19, de 13 de Março de 2009. **Institui o Programa Cultura é Currículo**. SEESP, 2009. Disponível em: http://siauel.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/19_09.HTM?Time=17/11/2018%2019:50:35. Acesso em: 20/12/18.

CASTRO, Fernanda Santana Rabello. **O que o Museu tem a ver com Educação**: Educação, Cultura e Formação Integral: possibilidades e desafios de políticas públicas de educação museal na atualidade. Rio de Janeiro. 2013. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/dfernandarabello.pdf> Acesso em: 22/10/2018.

COUTINHO, Eduardo de Faria. O Pós-Modernismo no Brasil. In Coutinho, Rejane. **Vivências e experiências a partir do contato com a arte**. Codireção Eduardo de Faria Coutinho. 7. ed. São Paulo: Global, 2004.

CULTURA HISTÓRICA & PATRIMÔNIO, Alfenas, v. 3, n. 2, p. 213-218, jul. 2016. ISSN 2316-5014. Disponível em: https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/cultura_historica_patrimonio/article/view/11_res_vieira_v3n2. Acesso em: 20/10/2018.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FERNANDES, Elisângela. **Adaptação e Equilíbrio**. Revista Nova Escola, 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1351/adaptacao-e-equilibrao>. Acesso em 30/12/018.

FERNANDES, Sueli; Et al. **Descobrimos Barretos: 1854-2012**. Barretos: Editora Liverpool, 2012. Disponível em: < <http://www.barretos.sp.gov.br/imagens/historiadebarretos.pdf>. Acesso em 08/12/2018

FERREIRA, Angélica Aparecida. **Programa Cultura é Currículo: Democracia Cultural ou Proselitismo**. São Paulo, 2017. Artigo apresentado como conclusão do Programa de Pós Graduação em gestão de Projetos Culturais e Eventos, do Centro de Estudo Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação CELACC-ECA/ USP. Disponível em: <https://paineira.usp.br/celacc/?q=pt-br/celacc-tcc/978/detalhe>. Acesso em 20/12/2018

GARCIA, Luiz Henrique A. **O lugar da História: intervenções museais no espaço urbano em Belo Horizonte**. Anais da VII Semana dos Museus USP, São Paulo, p. 67-70, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

IBRAM. **Apresentação Encontro Nacional**. Brasília, 2014.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional em Educação Museal**. Brasília, DF IBRAM, 2018.

_____. **Guia dos Museus Brasileiros**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (ICOM). **ICOM Code of Ethics for Museums**. Paris, 2001.

MARTINS, Luciana Conrado. **A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia**. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04072011-151245/pt-br.php>. Acesso em: 20/09/2018.

MEDEIROS, Karla Armani. **Nosso Museu: uma bela história pela nossa história.** Jornal "O Diário de Barretos" em 24 de Junho DE 2011. Disponível em: <http://karlaarmani.blogspot.com/2011/06/nosso-museu-uma-bela-historia-pela.html>. Acesso em 08/10/2018

MUSEU RUY MENEZES. **Histórias e memórias sobre Barretos.** Disponível em: <http://museuruymenezes.blogspot.com/2009/07/>. Acesso em 12/12/2018.

OLIVEIRA, Pedro Vagner Silva. IPHAN. **Educação Patrimonial: histórico, conceitos e processos.** Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014.

PIAGET, Jean. **Epistemologia Genética.** Tradução: Álvaro Cabral. 3ª ed. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

PLANO NACIONAL SETORIAL DE MUSEUS (2010/2020). Disponível em <http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/03/PSNM-Versao-Web.pdf>. Acesso em 20/09/2018.

PNEM – Política Nacional de Educação Museal. **Política Nacional De Educação Museal.** Caderno da Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018.

PRODANOV, Cléber Cristiano; Freitas, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SALVAT. **Os Museus no Mundo.** Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979.

SÃO PAULO. **Decreto n. 26.634, de 13 jan. 1986.** Institui o Sistema de Museus do Estado de São Paulo. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, 14 jan. 1986. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1986/decreto-24634-13.01.1986.html>; acesso em: 19/10/2018.

_____. **Decreto Estadual 57.035/2011.** Altera a denominação do Sistema de Museus do Estado de S. Paulo para Sistema Estadual de Museus - SISEM-SP, dispõe sobre sua organização e dá providências correlatas. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/161520>. Acesso em: 19/10/2018.

_____. Horizontes Culturais. **Lugares de Aprender.** Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação, Devanill Tozzi e outros – São Paulo: FDE 2008.

_____. **Séculos, Contextos e Transformações.** Subsídios para desenvolvimento de projetos didáticos Ensino Médio. Ensino Médio. Governo do Estado de São Paulo, 2008b.

_____. SEE. FDE. **Horizontes culturais: lugares de aprender/**Secretaria da Educação, Fundação para Desenvolvimento da Educação; São Paulo, FDE, 2009c.

_____. Sistema Estadual de Museus de São Paulo. Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo. **SISEM-SP: Sistema Estadual de Museus de São Paulo,** 2014. Disponível em: www.sisemsp.org.br. Acesso em: 20/10/2018

SEEESP - SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2009. Disponível em: <http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/programa.aspx>. Acesso em 19/10/2018.

SCHAUBLE, L.; LEINHARDT, G.; MARTIN, L. **Um quadro para organizar uma agenda de investigação cumulativa em aprendizagem informal**. Revista de educação do Museu, Walnut Creek, v. 22, n. 2/3, p. 3-8, 1997.

SILVA, L. S.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Manual de orientação. Florianópolis, 2001. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/2367267/DA-SILVA-MENEZES-2001-Metodologia-da-pesquisa-e-elaboracao-de-dissertacao>. Acesso em: 23/09/2018.

SOTO, Moama Campos. **Quem educa no templo das musas? Reflexões e caminhos ao pensar a formação dos educadores em museus**. Lisboa, 2010. Disponível em: http://www.museologia-portugal.net/files/upload/mestrados/moana_soto.pdf. Acesso em: 23/09/2018.

SOUZA, Heloísa Helena T. de. **Metodologia Qualitativa da Pesquisa**. USP Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p.289-300, maio/ago. 2004

TINELLI, Roseli. Et al. **História de Barretos**. Junho de 2012. Disponível em: <http://hiistoriadebarretos.blogspot.com/2012/06/predio-do-museu-e-suas-aguias-algumas.html>. Acesso em: 23/09/2018.

TORAL, Hernan Crespo. **Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos museus, Rio de Janeiro – 1958**. In: ARAÚJO, Marcelo; BRUNO, Maria Cristina (org.). A memória do pensamento museológico contemporâneo: documentos e depoimentos. Comitê Brasileiro do ICOM. São Paulo, 1995.

UNESCO. **Educação: um tesouro a descobrir**, relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, Paris: UNESCO,1996. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590>. _por Acesso em: 30/11/2018.

YOUTUBE. Vídeo Professora Ana Cláudia Santos e alunos - **Museu Municipal Ruy Menezes: Projeto Lugares de Aprender**. Disponível - em: https://www.youtube.com/watch?v=TaNoe5t_EfE. Acesso em: 20/12/2018.

_____ Vídeo - **Museu Municipal Ruy Menezes: Projeto Lugares de Aprender**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6PwDKbc-2Vk>. Acesso em: 20/12/2018.

ANEXO

ENTREVISTA

ENTREVISTADA: Sueli de Cássia Tosta Fernandes

Pesquisadora e Mestre em linguística pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR. Atuou como gestora do Museu Histórico, Artístico e Folclórico Ruy Menezes no período de 2007 a 2011. Foi durante sua gestão que houve a implantação do projeto educativo e cultural no museu, com ampla participação da comunidade escolar da região de Barretos. Atualmente é Gestora de Projetos da Secretaria de Cultura de Barretos/SP

Data: Dezembro/2018

Começamos nossa conversa falando sobre o livro “Descobrimos Barretos” publicado no ano de 2012. O livro é fruto do trabalho de Sueli em conjunto com as historiadoras Roseli Aparecida Tineli, Priscila Ventura Trucullo e Karla de Oliveira Armani, que também trabalhou como estagiária e monitora no Museu Ruy Menezes.

O livro explorou o museu como fonte de informação sobre a história da cidade, procurou trazer além de aspectos históricos, folclóricos, culturais e patrimoniais, curiosidades e fatos pitorescos da comunidade como a praga dos padres, óvnis etc. Conta também com questões para serem discutidas em sala de aula. As imagens utilizadas são em sua maioria oriundas do acervo do Museu Ruy Menezes, e segundo ela, com o objetivo da população e estudantes perceberem a importância deste como fonte de pesquisa. Além do acervo, o próprio prédio constitui um museu a parte, devido ao seu estilo arquitetônico.

Sueli foi eleita para fazer parte do Sistema Estadual de Museus Paulistas (SISEM) em 2011. Mas sua maior satisfação foi ter feito parte da história do Museu Ruy Menezes. Fala com grande carinho sobre as peças do acervo e significado de cada uma, pois constituem nosso patrimônio. Outro ponto importante foi o aumento no fluxo de visitação no museu proporcionado pelo Projeto Lugares de Aprender, juntamente com a mediação cultural realizada. Felizmente muitos alunos voltavam trazendo suas famílias para conhecer o museu também, essa troca e interesse pela memória barretense são importantíssimos para a manutenção de nossa cultura e raízes.

Lamentou o fim do projeto e a descontinuidade das políticas públicas entre a escola e instituições culturais.

Sinto-me grata pela atenção e carinho dispensados, além da disponibilização de fotos do acervo e documentos.